

Aufklärung, identidade e modernidade no mundo globalizado

Aufklärung, identity and modernity in a globalized world

Maureci Moreira de Almeida
Francisco Xavier Freire Rodrigues*

Recebido: 12/2014

Aprovado: 05/2015

Resumo: O texto propõe uma reflexão a partir de Kant e seu opúsculo “Was ist Aufklärung?”, tentando investigar a possibilidade de uma saída para a maioria em face do mundo globalizado, contemplando três circunstâncias pontuais: a modernidade, a identidade e a atualidade. Tendo em vista que o filósofo de Königsberg levou em consideração a conjuntura sócio-cultural-histórica de sua época, o artigo, apoiado em Michel Foucault, refaz o mesmo questionamento, adaptando a discussão à hodierna globalização, não sem observar as considerações de Anthony Giddens, voltado à problemática da globalização, bem como Stuart Hall e Zygmunt Bauman, pensadores que se ocupam com a identidade contemporânea, imersa neste mesmo sistema globalizado.

Palavras-chave: Aufklärung, Modernidade, Identidade, Globalização.

Abstract: The text proposes a reflection from Kant and his booklet “Was ist Aufklärung?”, trying to investigate the possibility of an outflow of majority in the face of the globalized world, covering three specific circumstances: modernity, identity and the present. Considering that the Königsberg philosopher took into account the socio-cultural-historical context of his time, the article, supported by Michel Foucault, remade the same question, adjusting the discussion

* Bacharel e Licenciado em Filosofia. Especialista em Relações Raciais. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea do Instituto de Linguagens, UFMT. Professor da Educação Básica, e trabalha no CEFAPRO, com a Formação Continuada de Professores de Filosofia e Sociologia. E-m@il: maurecialmeida@hotmail.com.

** Doutor em Sociologia, Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFMT. Professor do Programa de Pós-Graduação de Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO, do Instituto de Linguagens, da UFMT. E-m@il: fxsociologo@yahoo.com.br

*Problemata: R. Intern. Fil.v.6 n. 1 (2015), p. 43-60 e-ISSN 2236-8612
doi:http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v6i2.22006*

to today's globalization, not without regard to considerations of Anthony Giddens, focused on the issue of globalization and Stuart Hall and Zygmunt Bauman, thinkers dealing with contemporary identity, immersed in the same globalized system.

Keywords: *Aufklärung, Modernity, Identity, Globalization.*

Introdução

Este artigo tem como objetivo realizar uma reflexão sobre três pontos: o presente, a identidade e a modernidade no mundo globalizado. Para isso iremos utilizar inicialmente do pensamento de Michel Foucault (2000) que faz uma reflexão a partir de um texto de Kant, publicado em um jornal alemão do século XVIII, que tratava da questão *Aufklärung* (luzes ou ainda esclarecimento), em que Kant refletia sobre o presente e a conjuntura sócio-cultural-histórica no qual estava inserido. E, segundo Foucault, nesse artigo de Kant para o jornal alemão, estaria sugerida uma saída da minoridade para uma maioria da espécie humana. E, em decorrência disso, conforme argumenta Foucault, pensar a questão da maturidade racional da humanidade e os seus limites.

Outro aspecto da reflexão deste artigo diz respeito à identidade no mundo globalizado. Sendo que para se pensar a questão do presente, da *Aufklärung* bem como da modernidade não se pode, no mundo contemporâneo, prescindir da reflexão em torno da ideia de globalização. Pois, se esta última for desconsiderada, corre-se o risco de enxergar o mundo e a realidade cultural e social de maneira enviesada.

Desse modo, irei utilizar-me do pensamento de Anthony Giddens (2007), no qual afirma que a globalização tem a ver com a ideia de que todos vivem em um mesmo mundo. E para aprofundar esta questão tratarei neste artigo também da noção de identidade. Para isso vou embasar-me nos estudos e pesquisas do estudioso das questões sociais Stuart Hall (2006) e, do pensamento do sociólogo Zygmund Bauman (2005), que abordam a problemática que envolve a concepção de identidade, sobretudo no mundo globalizado.

Encerrarei este artigo com uma reflexão e crítica formuladas pelo filósofo francês Bruno Latour sobre a modernidade, na qual ele argumenta que o mundo moderno, provavelmente, nem se tornou moderno ainda. Mas há uma crise instalada. Seja ela no campo dos valores morais, científicos, religiosos ou identitários.

A Aufklärung e os Modernos

Pensar o presente, sobretudo acerca das questões sociais, culturais e epistemológicas, não é de modo algum uma temática nova nas discussões e reflexões filosóficas ao longo da história. Esta temática, sem dúvida, merece uma abordagem um tanto quanto cuidadosa, pois muitas vezes não se tem a distância temporal necessária para perceber suas nuances e variações. Mas quando um jornal alemão, por exemplo, lança para o público do século XVIII uma pergunta em torno do que é o presente, é evidente pressupor que os seus leitores já possuam, em termos gerais, uma opinião formada sobre o assunto. Porém, a questão de pensar o presente, a partir de um periódico deixou perplexo, pelo que consta na reflexão de Michel Foucault (2000), alguns pensadores desse período (século XVIII). Esse texto foi publicado em dezembro do ano de 1784, por um jornal de Berlim, denominado *Berlinische Monatsschrift*. E, de acordo com Foucault (2000), este artigo de Kant pode até ser, no conjunto de sua obra, menor, “[...] mas (prosegue Foucault) me parece que, com ele, entra discretamente na história do pensamento uma questão que a filosofia moderna não foi capaz de responder, mas da qual ela nunca conseguiu se desembaraçar” (FOUCAULT, 2000, p. 335).

Não é primária a questão da reflexão do pensar filosófico sobre o presente. De modo esquemático, segundo Foucault (2000), essa reflexão tinha tomado três formas fundamentais que são: a representação, interrogação e a análise, que juntas conceituam o presente de maneira separada e ao mesmo tempo complementar.

A resposta de Kant à pergunta *Was ist Aufklärung?* indica uma saída que “[...] é um processo que nos liberta do estado de

menoridade” (FOUCAULT, 2000, p. 337). Essa menoridade segundo Kant, é uma dependência de nossa vontade. Ou seja, há sempre uma espécie de “líder” ou “mestre” para seguirmos. Em síntese, a menoridade se limitaria ao fato das pessoas simplesmente obedecerem quase que cegamente, por exemplo, seus líderes e não usarem a razão como instrumento para questionar e perceber o que se passa nas dinâmicas sociais, culturais e epistemológicas na qual estão inseridas (FOUCAULT, 2000). No entanto, em contraponto a esta menoridade se teria a maioridade que apresenta outra característica bem distinta, pois “[...] a humanidade terá adquirido maioridade não quando não tiver mais que obedecer, mas quando se disser a ela: obedecem, e vocês poderão raciocinar tanto quanto quiserem” (FOUCAULT, 2000, p. 339).

Desse modo, o presente do século XVIII, segundo Foucault, não poderia ser pensado apenas tendo como base a *Aufklärung*. Mas, isso foi o início para se criticar de forma legítima a natureza do presente, e determinar “[...] o que se pode conhecer, o que é preciso fazer e o que é permitido esperar” (FOUCAULT, 2000, p. 340). Foucault afirma, em uma possível hipótese, que este artigo (*Was ist Aufklärung?*) de Kant para o jornal berlinense procura ligar sua obra com a atualidade na qual ele vive. E não é a primeira vez que isso ocorre com um filósofo (FOUCAULT, 2000).

No entanto, de acordo com Foucault (2000), o que chama a atenção no artigo escrito por Kant, é a maneira com que ele relaciona suas três Críticas implicitamente. Sendo conectadas estreita e interiormente com “[...] a significação de sua obra em relação ao conhecimento, uma reflexão sobre a história e uma análise particular do momento singular em que ele escreve e em função do qual ele escreve” (FOUCAULT, 2000, p. 341). E isso é considerado por Foucault uma novidade no pensamento e na obra de Kant, na qual demonstra certa preocupação com o presente. Foucault (2000) sugere então que o pensamento kantiano, no conjunto da obra, talvez seja permeado por questões alusivas à atualidade do século XVIII.

A modernidade a partir desse momento, diz Foucault (2000), ganha uma nova direção. Ela não seria simplesmente mais uma atitude, uma maneira de ser e ver o mundo, não se limitando somente como um período histórico. Assim, pode-se

dizer que a *Aufklärung* é uma conquista de uma nova visão que marca a ruptura com os fundamentos forjados no século XVIII. E Foucault (2000) cita como exemplo o que ele chama de atitude de modernidade, “uma das consciências mais agudas da modernidade do século XIX” (FOUCAULT, 2000, p. 342), que foi Baudelaire. A transitoriedade, a fugacidade e a incerteza caracterizam o rompimento com a tradição concomitante com a sensação de novidade e certa tontura súbita do que está acontecendo (FOUCAULT, 2000). Mas, para Baudelaire, isso não é suficiente para ser moderno, afirma Foucault (2000), é preciso tomar para si uma conduta em conexão a esse movimento apresentado. “A modernidade não é um fato de sensibilidade frente ao presente fugidio; é uma vontade de ‘heroificar’ o presente” (FOUCAULT, 2000, p. 342 - grifos do autor). O presente é desprezado por muitos em vários sentidos, mas talvez seja no sentido religioso que isso mais se acentue, porque há uma transferência da conquista de certos elementos pertinente à felicidade humana para um mundo localizado no além, e isso é desprezar o presente; e é exatamente isso que as religiões fazem de certo modo (FOUCAULT, 2000).

A heroificação do presente é uma ironia (FOUCAULT, 2000), pois aqui não se trata de eternizar o presente, porque aquele que age assim está flanando, e se satisfaz em apenas abrir os olhos e captar os fatos, depositando na memória o momento (FOUCAULT, 2000). Porém, há sujeitos que aparentemente flanam, mas que no isolamento produzem coisas belíssimas, tanto nas artes quanto nas reflexões acerca da realidade da qual participam (FOUCAULT, 2000). Portanto, segundo Foucault, “[...] a modernidade baudelairiana é um exercício em que a extrema atenção para com o real é confrontada com a prática de uma liberdade que, simultaneamente, respeita esse real e o viola” (FOUCAULT, 2000, p. 344). Ser moderno é manter uma relação consigo mesmo e, ao mesmo tempo, não se satisfazer com o pouco conquistado, é ir buscar mais. Aí está a dignidade com o presente, sendo que o homem moderno deve sempre se reinventar (FOUCAULT, 2000). E, por fim, Foucault (2000) nos diz que Baudelaire somente concebe essa “transformação” num lugar: no campo da arte.

Pode-se então considerar ao longo dos últimos dois séculos, como aponta Foucault “[...] uma tensão entre a

Aufklärung e o humanismo do que uma identidade” (FOUCAULT, 2000, p. 347). Poderia ser importante esmiuçar esta questão para se ter uma visão mais pormenorizada do passado. E a pesquisa no campo da ciência formal ganharia uma nova ‘dimensão’ crítica, analisando o que nos constitui como sujeitos pensantes e agentes transformadores (FOUCAULT, 2000).

A dignidade, portanto, do presente que se está pensando nesse momento estaria acoplado a uma crítica capaz de nos levar “[...] para tão longe e tão amplamente quanto possível o trabalho infinito da liberdade” (FOUCAULT, 2000, p. 348). Esse modo de agir não deve restringir-se somente no espaço vazio de um sonho de liberdade, como afirma Foucault (2000), mas de fato ir mais distante na experimentação. Embora, isso tem demonstrado por experiência que esta visão do mundo e da cultura que é apresentada de maneira nova, conduziu-se para uma perigosa tradição. De modo que, afirma Foucault: “Prefiro as transformações muito precisas que puderam ocorrer a 20 anos, em certo número de domínios que concernem a nossos modos de ser e de pensar [...]” (FOUCAULT, 2000, p. 348).

Ao se pronunciar dessa forma, Foucault (2000) está se reportando às coisas práticas, como por exemplo: a relação com a autoridade, com o sexo, à nova visão que se tem da loucura e das doenças (FOUCAULT, 2000). São transformações muito mais seguras e reais que se pode encarar sem muito receio, do que as promessas feitas pelo homem ao longo do século XX.

O conhecimento histórico da *Aufklärung*, se não causou grandes mudanças anteriormente, nos dias de hoje pode-se dizer que ela nos afetou (FOUCAULT, 2000). Porém, a tão desejada saída da menoridade ainda de fato não ocorreu. A maioria implica compreender os limites que cerca a razão. E pensar o presente exige certo *êthos* – palavra de origem grega usada na ética que significa caráter; maneira de ser de uma pessoa; índole e temperamento (CHAUI, 2002), uma atitude que somente a crítica filosófica pode proporcionar mostrando os limites que nos foram impostos e a sua possível superação (FOUCAULT, 2000). Assim Foucault diz que

[...] é preciso dizer hoje que o trabalho crítico também implica a fé nas luzes; ele sempre implica, penso, o trabalho sobre nossos limites, ou seja, um trabalho

paciente que dá forma à impaciência da liberdade (FOUCAULT, 2000, p. 351).

Pode-se pensar este limite claramente, por exemplo, quando se fala da clonagem, principalmente da discussão em torno da clonagem humana, em que há todo um envolvimento ético-moral que perpassa este tema, gerando muitas controversas. Acredito que pensar o presente, em conformidade com que pensa Foucault (2000), é ater-se aos fatos, descobertas e atitudes que nos envolve a atualidade. Esse pensar é estar “plugado” nos acontecimentos, de maneira que se possa extrair uma crítica capaz de, se não for de nos fazer maiores, pelo menos reduzir o constrangimento da menoridade. Ao final de seu texto e, de maneira não tão otimista, Foucault afirma que não acredita que nos tornaremos maiores algum dia (FOUCAULT, 2000).

Portanto, pensar o presente, como sugere Foucault, é agir, fazer e transformar o que está acontecendo na realidade imediata, embora se discuta velhos problemas que até o momento as soluções ou saídas ainda não foram encontradas. Dessa maneira, indica Foucault, se podem ver as luzes (a *Aufklärung*) como representação, por exemplo, ao pensar as novas tecnologias que estão surgindo. E, assim também refletir acerca da virtualidade produzida pelos computadores, bem como os avanços na pesquisa da inteligência artificial e suas possíveis consequências para o futuro da humanidade.

Então, as luzes (a *Aufklärung*), inseridas no presente e nos aspectos da modernidade trazem para a reflexão, além das novas tecnologias e seus possíveis desdobramentos, a questão da liberdade e sua relação com o *êthos*; a relação do sujeito e o poder passam por este caminho do *êthos* (FOUCAULT, 1995). Foucault (1995), em seu texto “O sujeito e o poder”, que está inserido na obra “Uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica”, nos sugere compreender como é que o Estado exerce sobre o indivíduo seu poder. Historicamente, para que o Estado mantivesse o poder, buscou-se um modelo na instituição da Igreja Cristã, estabelecendo o poder pastoral e seus fundamentos como forma de dominação (FOUCAULT, 1995). O Estado, como já se sabe, não se preocupa em particular com o indivíduo, mas com a totalidade dos mesmos (FOUCAULT, 1995). Como a totalidade é

constituída por individualidades, então o Estado encontrou esse mecanismo para dirigir os indivíduos sem perdê-los de vista (FOUCAULT, 1995). Esse poder pastoral, de certa forma, diminuiu sua eficácia ao longo da história. E Foucault não acredita

[...] que devêssemos considerar o ‘estado moderno’ como uma entidade que se desenvolveu acima dos indivíduos, ignorando o que eles são e até mesmo sua própria existência, mas, ao contrário, como uma estrutura muito sofisticada, na qual os indivíduos podem ser integrados [...] (FOUCAULT, 1995, p. 237 - grifos do autor).

Essa integração pressupõe uma nova atribuição da individualidade num modelo mais sofisticado do poder pastoral, de maneira que a relação de poder não se estabelece em um consentimento que rompe com a liberdade de cada indivíduo em detrimento do poder exercido pelo Estado. O caráter, a maneira de ser de cada um, ou seja, o *êthos* é observado de forma pormenorizada para que o conjunto esteja harmonioso; ou seja, para que a totalidade se mantenha em ordem (FOUCAULT, 1995). “O exercício do poder não é simplesmente uma relação entre ‘parceiros’ individuais ou coletivos; é um modo de ação de alguns sobre outros” (FOUCAULT, 1995, p. 242 - grifos do autor).

Portanto, a liberdade de cada indivíduo é de certa forma controlada pelo Estado. E isso permite que alguns exerçam ação sobre a ação dos outros. As relações de poder estão ligadas intimamente ao nexos social que se firmou radicalmente, criando uma dependência estrutural, não permanecendo esta relação de poder acima da própria sociedade. Vejo que há certa dinâmica nesta relação de poder, onde alguns indivíduos agem sistematicamente sobre os outros. E, ao mesmo tempo, esse agir ou ação é corroborado pelos que se encontram na situação de obediência (FOUCAULT, 1995). Certamente aqueles que estão no controle querem permanecer no comando, por isso mesmo criam estratégias novas para sustentarem o domínio sobre a maioria. E a ciência atual, herdeira da forma de pensar, do que se convencionou chamar de modernidade, representaria uma

dessas maneiras de manter o controle e disciplinar os indivíduos, estabelecendo, por exemplo, a fragmentação do conhecimento.

A realidade, de acordo com a herança moderna, pode ser apenas conhecida pelas suas partes. Descartes e Kant seriam então os principais fundadores da forma de pensar moderna. De acordo com Tarnas:

Diz-se às vezes que Descartes e Kant foram, ambos, inevitáveis no desenvolvimento da cultura moderna; (...) Descartes foi o primeiro a apreender e articular plenamente a experiência da emergência da moderna identidade autônoma como algo fundamentalmente distinto e separado de um mundo exterior objetivo que procura entender e dominar (TARNAS, 2000, p. 442-443)

Kant, de acordo com Tarnas,

[...] havia chamado a atenção para o fato crucial de que todo o conhecimento humano é interpretativo, ao passo que a mente não reivindica nenhum tipo de entendimento que reflita o mundo objetivo – pois o objeto de sua experiência já foi estruturado pela própria organização interna do sujeito. O ser humano não conhece o mundo propriamente dito, mas o mundo-mostrado-pela-mente-humana (TARNAS, 2000, p. 443).

Assim, o mundo atual, está em profunda ligação com a mentalidade e as descobertas de seu passado. Provavelmente, Descartes e Kant estejam mais vivos do que se possa imaginar. O “Penso, logo existo” e o *Sapere aude* são divisas entoadas ainda na modernidade. Seja esta líquida, hiper ou pós. Parece-nos que no fundo ainda não se pode (ou não se consegue mesmo?) nos desprender dessas formas, cartesiana e kantiana, de pensar o mundo e sua complexidade. Um nos mostrou que a razão deve separar o objeto para conhecer e, o outro indicou os limites dessa mesma razão. Entretanto, outro evento na alta modernidade (GIDDENS, 2002), se somou à questão da razão (esta última que se pretende poderosa e absoluta): a globalização. Sendo que esta possibilitou o contato, de diversos povos, com outras culturas espalhadas pelo globo terrestre, seja

por meio das trocas comerciais ou pelo avanço colonial das nações com maior poder econômico e bélico.

Modernidade, Globalização e a questão da Identidade

Pensar, portanto, o presente, a *Aufklärung* e a modernidade desvinculados da questão da globalização é enxergar o mundo e a realidade cultural e social que os compõem de forma enviesada. Assim – para aprofundar um pouco mais esta questão – segundo Giddens (2007), a globalização tem a ver com a ideia de que todos vivem em um mesmo mundo. Mas, será que todos vivem em um mesmo mundo? Nesta perspectiva, o estudioso das questões sociais Stuart Hall (2006) propõe também outro questionamento: “As identidades nacionais estão sendo ‘homogeneizadas’ [...]” (HALL, 2006, p. 77 [grifos do autor]) por conta do processo de globalização? Para esta questão o autor nos responde que:

A homogeneização cultural é o grito angustiado daqueles/as que estão convencidos/as de que a globalização ameaça solapar as identidades e a ‘unidade’ das culturas nacionais. Entretanto, como visão do futuro das identidades num mundo pós-moderno, este quadro, da forma como é colocado, é muito simplista, exagerado e unilateral (HALL, 2006, p. 77 - grifos do autor).

Deve-se, aponta Hall (2006), pensar em uma nova articulação entre o global e o local, ao contrário de pensar que o global estaria se colocando no lugar do local. E este local não pode ser confundido “[...] com as velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização” (HALL, 2006, p. 78). O autor ainda diz que não acredita que a globalização irá extinguir as identidades nacionais. Ao contrário disso, segundo ele, a globalização provavelmente “[...] vá produzir, simultaneamente, *novas* identificações ‘globais’ e *novas* identidades ‘locais’” (HALL, 2006, p. 78 - grifos do autor).

Em decorrência do que foi exposto acima, surge outra questão: o que é a identidade no mundo globalizado? Pensar o

presente, a *Aufklärung* e a modernidade, sem considerar esta questão, torna-se problemática a compreensão dessas três categorias. Mas haveria uma identidade como sinônimo de um povo ou nação? As identidades seriam fixas e imutáveis?

Para responder a estas perguntas percorrerei e aprofundarei agora, mesmo que brevemente, a linha de pensamento de Hall (2006) sobre a questão da identidade abordando alguns detalhes que não coloquei mais acima neste texto quando citei Hall. E na sequência direi como Zygmunt Bauman (2005) concebe a noção de identidade.

Assim, segundo Hall, as velhas identidades sempre foram estabilizadas pelo sujeito unificado e pelo mundo social no qual estava inserido. Entretanto, de acordo com o autor, isso está em decadência (HALL, 2006). Surgem, então, no indivíduo moderno outras identidades mais fragmentadas ainda, de modo que o processo de mudança na identidade dos indivíduos, na atualidade, segundo Hall (2006), sofreu um “descentramento”.

Nesta perspectiva, Hall mapeia a compreensão histórica e filosófica que se tem de sujeito, bem como a ideia de identidade para demonstrar como ocorreu o referido descentramento.

Hall, dessa maneira, destaca que o filósofo francês Descartes (século XVII) pôs “no centro da “mente” [...] o sujeito individual, constituído por sua capacidade para raciocinar e pensar” (HALL, 2006, p. 27 [grifos do autor]). Este sujeito racional ganhou, por assim dizer, por esta façanha, um *status* de “sujeito do conhecimento” (HALL, 2006). Já o filósofo inglês John Locke (século XVII), segundo o autor, contribuiu profundamente ao pensar a problemática do sujeito e da identidade. Locke pressupunha, de acordo com Hall, que o indivíduo era sempre o mesmo, idêntico a si mesmo, ou ainda constituído por uma mesmidade, característica de um ser racional (Hall, 2006). Portanto, a identidade para Locke, conforme nos diz Hall (2006), era sempre contínua e permanecia a mesma com seu sujeito. Este, na concepção lockeana, era centrado, imutável e fixo (Hall, 2006). No entanto, estas concepções começam a mudar quando as sociedades vão se tornando mais complexas. Embora ainda no século XVIII “[...] os grandes processos da vida moderna [estavam] centrados no indivíduo ‘sujeito-da-razão’” (HALL, 2006, p. 29 [grifos do autor]).

Mas, a partir do momento em que as sociedades se tornaram mais complexas, surge a noção de um sujeito social. E, de acordo com Hall (2006), o indivíduo será percebido de forma mais localizada e estabelecido dentro das “[...] grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna” (HALL, 2006, p. 30). Porém dois eventos, de acordo com Hall (2006), abalariam a estrutura do sujeito moderno, mudando sua percepção de mundo e de si mesmo. Estes eventos foram: as descobertas de Darwin, no campo da biologia, e o surgimento das novas ciências sociais (HALL, 2006) (tais como a Sociologia, a Antropologia, a Economia, a Psicologia, etc.). Assim, o primeiro evento biologizou o sujeito (HALL, 2006), pois sua razão e a evolução de seu cérebro estavam com suas bases na natureza “[...] e a mente um ‘fundamento’ no desenvolvimento físico do cérebro humano” (HALL, 2006, p. 30). Portanto, o indivíduo estava ligado pela compreensão de natureza que se tinha.

No entanto, no outro evento, que diz respeito ao nascimento das novas ciências sociais, ocorreu algo diferente. Não houve, e isso perdura até hoje, um entendimento unânime da compreensão de sujeito nas disciplinas que compõem as ciências sociais. De modo que aquele “indivíduo soberano” (HALL, 2006) preservou seus sonhos, necessidades e desejos, atrelados aos discursos econômicos e nas leis modernas (HALL, 2006). E aquele dualismo cartesiano entre bem e mal, essência e existência, matéria e forma, corpo e espírito, “[...] foi institucionalizado na divisão das ciências sociais entre a psicologia e as outras disciplinas” (HALL, 2006, p. 31). Sendo que, por exemplo, todas as investigações e estudos dos processos mentais dos indivíduos tornaram-se objetos da psicologia (HALL, 2006). Por outro lado, o sujeito cartesiano e o individualismo racional sofreram uma importante crítica da Sociologia, demonstrando, por exemplo, que os indivíduos são produtos dos processos forjados nos grupos aos quais pertencem social e culturalmente. A identidade social e cultural seria então modelada aí.

Contudo, Hall (2006) nos informa como o sujeito moderno passou por um processo de descentramento na sua constituição identitária. Hall (2006) supõe que tanto as ciências sociais quanto suas teorias passaram por alguns avanços que

contribuíram significativamente com o processo de descentramento do sujeito e de seu processo de identificação.

Em linhas gerais (e correndo o risco de ser superficial, mas sem querer aqui aprofundar estas questões), o sujeito moderno passou pelo primeiro descentramento com o advento do pensamento marxista (HALL, 2006). O segundo descentramento foi com Sigmund Freud (séculos XIX e XX) com a descoberta do inconsciente (HALL, 2006). Ferdinand de Saussure (séculos XIX e XX) representaria o terceiro descentramento com os seus estudos sobre a linguagem. O quarto descentramento e, de acordo com Hall (2006) o mais relevante, ocorreu com os estudos e as pesquisas de Michel Foucault (século XX), filósofo e historiador francês, que abordou as questões do poder e da sexualidade. Finalmente o último e quinto descentramento sucedeu-se com a organização do feminismo no ocidente, tanto do ponto de vista teórico como do ponto de vista da prática, enquanto movimento social (HALL, 2006).

Estes são, segundo Hall (2006), os componentes que provocaram o descentramento do sujeito moderno, fragmentando assim sua identidade. Hall destaca, que de acordo com o pensamento freudiano,

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (HALL, 2006, p. 38 - grifos do autor).

Parece-me que Bauman (2005) irá adotar perspectiva semelhante à de Hall (2006) sobre a identidade ao dizer que “[...] só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto” (BAUMAN, 2005, p. 21). De acordo com Bauman, a identidade não pode ser descoberta por conta de que nunca existiu como evidência da marca de um povo ou etnia. Nesse aspecto ela sempre foi frágil e transitória. Sendo assim, porque esta questão da identidade é amplamente discutida nos dias atuais? Qual sua importância para se pensar o presente e a modernidade? Mas, nos séculos passados, sobretudo o século XIX e o início do

século XX, não seria esta uma questão importante para os estudiosos desses períodos? De fato, parece que a questão da identidade não era tão relevante assim, pois, conforme Bauman (2005), os genitores intelectuais da Sociologia, por exemplo, Max Weber (séculos XIX e XX), Émile Durkheim (séculos XIX e XX) e Georg Simmel (séculos XIX e XX), nunca se propuseram a problemática da identidade. E por que nunca se propuseram esta questão? Porque, segundo Bauman (2005), apesar deles estarem envolvidos com seu tempo presente e suas inúmeras demandas, a questão da identidade nunca lhes suscitou atenção. Esta questão não fazia parte do universo de suas preocupações, pois parecia algo resolvido. Diferentemente do passado a identidade é o “[...] papo do momento [...]” (BAUMAN, 2005, p. 21) e está em destaque em diversas pesquisas, debates e estudos. No entanto, Bauman (2005) aponta que se Weber, Durkheim e Simmel vivessem no mundo atual o que lhes chamaria a atenção seria o fato do fascínio que se tem hoje pela questão da identidade. E não a preocupação, quase que inútil, de sua suposta pureza e imutabilidade.

Segundo Bauman (2005), está unida também juntamente com a questão da identidade a ideia de nação, em que esta necessitaria da ficção de uma identidade (BAUMAN, 2005) para manter e garantir uma unidade nacional. Como exemplo, Bauman (2005) nos fala de sua terra de origem, a Polônia. Ele conta que bem anteriormente à Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), o governo de seu país natal tentou consolidar uma identidade nacional por meio de um censo. Porém, segundo Bauman (2005), haveria na Polônia uma multiplicidade étnica, com costumes, credos e componentes religiosos diversos. Ele narra que ao começar o censo, os funcionários do governo se depararam com um problema, a meu ver, no mínimo interessante: o não reconhecimento das pessoas acerca da sua própria nacionalidade, pois as pessoas não sabiam, de acordo com que nos afirma Bauman (2005), a que nacionalidade pertencia.

Assim, Bauman expõe a seguinte concepção:

Como seria previsível num Estado moderno, os funcionários do censo foram, não obstante, treinados a esperar que para cada ser humano houvesse uma nação a que ele ou ela pertencesse. Foram instruídos a coletar

informações sobre a auto-identificação nacional de todos os indivíduos do Estado polonês (hoje se diria: “sua identidade étnica ou nacional”). Em cerca de um milhão de casos os funcionários falharam: os entrevistados simplesmente não entendiam o que eram uma “nação” nem o que significava “ter uma nacionalidade”. Apesar das pressões – ameaças de multa combinadas com esforços verdadeiramente excepcionais no intuito de explicar o significado de “nacionalidade” –, eles se atinham teimosamente às únicas respostas que lhes faziam sentido: “somos daqui”, “pertencemos a este lugar”. Por fim, os administradores do censo tiveram que se render e acrescentaram “pessoas do lugar” à lista oficial de nacionalidades (BAUMAN, 2005, p. 23-24 - grifos do autor).

A noção ou a ideia de identidade, como diz Bauman e, “[...] particularmente de ‘identidade nacional’, não foi ‘naturalmente’ gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um ‘fato da vida’ autoevidente” (BAUMAN, 2005, p. 26 - grifos do autor). Esta ideia foi forçosamente obrigada a entrar na vida de homens e mulheres “[...] modernos – e chegou como uma *ficção*” (BAUMAN, 2005, p. 26 - grifo do autor). Estes homens e mulheres são obrigados a terem uma identidade, seja nacional, racial ou religiosa. Sendo que assim,

A ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e ergue a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia (BAUMAN, 2005, p. 26 - grifos do autor).

A ideia de pertencimento está relacionada com o lugar de nascimento e tem o significado, conforme Bauman (2005), de um indivíduo ser parte de modo, por exemplo, inequívoco e natural de uma nação onde nasceu. Todavia, no líquido mundo moderno¹ (BAUMAN, 2005), isso não se processa mais desse modo. O indivíduo está sendo atravessado, desde seu nascimento, por diversos processos culturais, difundidos, sobretudo pelos meios de comunicação. As identidades, nesse líquido mundo, têm um caráter flexível, móvel (BAUMAN,

2005) e instável. Apesar disso, os indivíduos desse líquido mundo moderno procuram buscar construir e manter, mesmo assim, as referências comunais de suas identidades que estão em movimento, com os grupos aos quais pertencem. Procuram conservar vivas essas referências, mas segundo Bauman, “não por muito tempo” (BAUMAN, 2005, p. 32), pois logo serão arrastados para outros processos identitários.

Portanto, a compreensão de identidade para Bauman está relacionada a uma crise de pertencimento do mundo líquido moderno. Pois, de acordo com o autor, “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005, p. 32).

Considerações Finais

Para retomar uma das questões iniciais de meu texto e encaminhar para o encerramento, recoloco uma interrogação: a resposta de Kant à pergunta *Was ist Aufklärung?* ainda seria válida no líquido mundo moderno?

Parece-me que sim, pois as questões que movimentavam inicialmente o pensamento dos modernos ainda estão presentes, mas, agora com outros desdobramentos, como por exemplo, a problemática da identidade e a crise da modernidade. Mas porque então estas questões fazem parte ainda da reflexão filosófica, sociológica, antropológica contemporânea? Para tentar responder esta questão, Bruno Latour (1994), filósofo francês, insinua uma possível resposta. Segundo o filósofo, potencialmente (LATOURE,1994), o mundo moderno seria uma criação ou invenção que se separa de seu passado. Assim, prossegue Latour,

“Em rede”, o mundo moderno, assim como as revoluções, permite apenas prolongamentos de práticas, acelerações na circulação dos conhecimentos, uma extensão das sociedades, um crescimento do número de actantes, numerosos arranjos de antigas crenças. Quando olhamos para elas “em rede”, as inovações dos ocidentais permanecem reconhecíveis e importantes, mas não há o bastante para se construir toda uma história, uma história de ruptura radical, de destino fatal,

de tristezas ou felicidades irreversíveis (LATOURE, 1994, p. 52 - grifos do autor).

Portanto, estas questões que vim apresentando e discutindo ao longo do texto, tais como pensar o presente, a *Aufklärung*, a modernidade e a identidade na globalização não estão rompidas com suas formulações iniciais. O mundo moderno nem chegou a ser moderno (de acordo com Latour?). Mas há uma crise instalada. Seja ela no campo dos valores morais, científicos, religiosos ou identitários. E, nesta perspectiva, algum dia a humanidade adquirirá a maioria? Foucault (2000) acredita que não.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- _____. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- _____. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- CHAUÍ, Marilena. *Filosofia Moderna*. Universidade do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/chaui.htm>> Acesso em: 25 Maio 2013.
- _____. *Introdução à história da filosofia: dos Pré-Socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.
- FOUCAULT, Michel. Arqueologia das ciências e história do sistema de pensamento. In: *O que são as luzes?* (Org.) Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000.
- _____. *Uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero; Trad. Antonio Carlos Maia; Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1995.
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole*. 6 ed. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

SOUZA, Wuldson Marcelo Leite. *Uma Excursão Pelo Contemporâneo a Partir do Conceito de Modernidade Líquida de Zygmunt Bauman*. Dissertação de Mestrado. Cuiabá/MT, 2012.

TARNAS, Richard. *A epopeia do pensamento ocidental: para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo*. 3ed. Trad. Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

¹ Esta concepção, na obra de Bauman, diz respeito à situação do mundo contemporâneo. Pois, de acordo com Bauman a fluidez das relações humanas, culturais, econômicas, políticas e sociais estão menos rígidas no tocante as barreiras e das fronteiras que foram solidamente demarcadas ao longo da modernidade. Desse modo, Bauman diz que: “‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2007, p. 07 [grifos do autor]). Neste mesmo sentido Souza (2012) destaca que a “modernidade líquida é uma fase que se contrapõe a modernidade sólida, aquela época que desenhou e consagrou-se com o Iluminismo, mas que tem em seu lastro o Positivismo, a Revolução Industrial, o Fordismo e incontáveis eventos e teorias que formularam um mundo (predominantemente o lado ocidental do planeta) governado por uma racionalidade que definiu um *savoir-faire* baseado na soberania da ciência, na lógica, no cálculo, na eficácia do planejamento, na indústria, na constância, na fidelidade aos compromissos e estratégias traçadas pela razão” (SOUZA, 2012, p. 14 - grifos do autor).